

## **CONTRA A ESTIGMATIZAÇÃO DO USUÁRIO DE DROGAS E SUA EXCLUSÃO SOCIAL: O POTENCIAL EDUCATIVO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Francisco José Figueiredo Coelho (1); Simone Monteiro (2)

*1,2 – Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz*

**Resumo:** Estigmas sobre usuários de drogas são frequentemente reproduzidos no ambiente escolar. Isso amedronta os jovens e favorece um mundo de intolerância e exclusão. No intuito de romper tal dilema, discussões esclarecedoras e ausentes de mitos e prejulgamentos podem ser instauradas nas escolas para que os estudantes desenvolvam olhares menos equivocados e intolerantes sobre o assunto. Nessa direção, as tecnologias digitais surgem como caminho atrativo e viável, conforme revelado pela maioria dos cursistas nas interações *online*, nos questionários e entrevistas com professores que realizaram um curso sobre drogas no segundo semestre de 2017.

**Palavras-chave:** Educação sobre drogas, Estigmas e exclusão social, Tecnologias digitais sobre drogas.

### **INTRODUÇÃO**

É frequente ouvirmos discursos de afirmação sobre os usuários de drogas serem agentes agressivos e violentos. Quiça, que são inúteis e desnecessários à nossa sociedade. Uma generalização imprecisa e equivocada que, por vezes, é refletida no ambiente escolar. Isso pode implicar em futuros cidadãos amedrontados e reprodutores de estigmas sociais que excluem cada vez mais sujeitos vulneráveis do convívio harmônico.

Segundo Adade (2012) essa tendência de aterrorizar as pessoas para que elas se distanciem das drogas (e normalmente, das pessoas que as consomem) faz parte da perspectiva proibicionista-punitiva. Para a autora, esse fenômeno resulta do resquício da popularização do discurso repressivo que data cerca de dois séculos, alimentado pelo imaginário popular ocidental de que o consumo de drogas induzia seus usuários à violência. Se configurou, portanto, como estratégia de política pública presente em muitos países no século XIX, especialmente nos Estados Unidos, onde essa tendência se consagrou como um movimento político estruturado. Visava-se exterminar o comércio do álcool no país, por julgá-lo a causa da degradação física e moral dos cidadãos americanos (ADADE, 2012; RIBEIRO, 2013).

De acordo com Labate, Fiore e Goularte (2008), em se tratando de modelos de prevenção contra o uso abusivo de entorpecentes, há um consenso cada vez maior de que as políticas de repressão ou demonização do uso de drogas tem se mostrado historicamente ineficazes.

Partindo dessa ideia, diferentes autores defendem que as abordagens com foco no sujeito poderiam se apoiar mais em informar de forma útil e precisa o cidadão ao invés de buscar a abolição e total abstinência para promover saúde, ideias compartilhadas por diversos autores (SODELLI, 2011; RIBEIRO, 2013; HART, 2014; ACSELRAD, 2015).

Ocorre uma certa confusão entre a especificidade da questão das drogas e seu isolamento ou, em outras palavras, com a sua naturalização como algo essencialmente negativo. Apoiado nessa premissa, Hart (2014) complementa que não se deve descartar o potencial de abuso e dano dos psicoativos. Contudo, cabe lembrar que dados científicos mal interpretados (como o de que todas as pessoas que fazem uso de alguma droga entram em quadro de dependência ou que o usuário de alguma substância vai atacar uma pessoa para feri-la ou roubá-la) produzem estigmas sobre aqueles que abusam das drogas. Isso acaba levando a adoção de políticas públicas generalistas e inadequadas, inclusive deturpando o sentido da legalização das drogas, por vezes vista como desfecho para o narcotráfico. Para Hart, isso não significa que a legalização seja a medida mais viável. Entre a proibição e a legalização há muitas alternativas (HART, 2014).

Nessa linha de pensamento, esses estudiosos sugerem que para se compreender o problema do uso abusivo de substâncias é preciso ter um olhar diverso sobre o assunto, sem tecer prejulgamentos e categorizar pessoas, princípios que atentam contra a cidadania e excluem o usuário (recreativo ou abusivo) de seu meio social. Essa perspectiva é conhecida como Redução de Danos (RD) e se contrapõe à proposta de abstinência e de “guerra às drogas” pelo fato de não idealizar ou prometer o fim do consumo como solução. Trata-se de uma abordagem educativa mais democrática e não pautada na imposição, levando o sujeito a refletir sobre o uso e meios mais seguros, conhecendo melhor seus danos a fim de minimizá-los (TRIGUEIROS; HAIEK, 2006; ADADE; MONTEIRO; 2014; HART; 2014; ACSSELRAD, 2015; COELHO; MONTEIRO, 2017).

Hart (2014) comunga com Ribeiro (2013) para o fato de que o enfoque essencialmente proibicionista carrega em si uma rotulagem sociocultural (maconheiro, maluco, delinquente, vagabundo, bandido, marginal etc.) que deprecia o indivíduo e tende a isolá-lo do convívio

social (SOUZA, 2016; MEENHAN, 2017), ideia já destacada por Goffman (2015) ao discutir o conceito de estigma. Hart lembra, nesse sentido, que tais estigmas e tabus estão intimamente ligados à cultura dos indivíduos e para sua ruptura seria necessário um esforço em equipe de reeducação para construir mentes mais críticas (HART, 2014).

Dessa forma, o enfoque proibicionista pode ser visto como antagônico ao enfoque da RD à medida que o usuário de psicotrópicos passa a ser visto como protagonista das reivindicações de seu contexto social e responsável pela implementação das modificações necessárias para a melhoria de sua vida pessoal e relacional. Dito de outra forma, a RD funda-se nos princípios de pluralidade democrática, exercício da cidadania, respeito aos direitos humanos e de saúde (RIBEIRO, 2013; COELHO; MONTEIRO, 2017).

Os trabalhos de Coelho (2017) e Coelho, Monteiro e Barros (2017) encaminham para discussões sobre como as tecnologias digitais por meio de vídeos e charges, respectivamente, podem ser aliadas ao papel educativo-preventivo sobre drogas nas escolas. Assim, são oferecidos espaços de diálogo e aprendizagem que esclarecem os adolescentes para a importância da reflexão e do reposicionamento social. Acreditamos que, dessa forma, muitos tabus e estigmas podem ser evitados e novos olhares possam ser construídos pela geração atual de jovens. Sobretudo um olhar de compreensão das vulnerabilidades e de tolerância aos seres humanos ao invés de meras condenações.

Compactuando com uma abordagem mais solidária, emancipatória e democrática, acreditamos que nosso trabalho se enquadre no GT 6 (Tecnologias e Educação) por oferecer subsídios teóricos e práticos a favor de tecnologias digitais que possam ser usadas para fomentar debates inclusivos e participativos sobre o tema drogas nas escolas. Nesse artigo, serão apresentados resultados sobre a participação dos professores num curso de formação sobre drogas realizado pelo Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS/IOC/FIOCRUZ) em parceria com a Fundação CECIERJ (Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro). Analisa-se nessa produção as implicações dessas ferramentas para as práticas escolares desses profissionais, a favor da diminuição das diferenças e desigualdades socialmente estabelecidas.

## **METODOLOGIA**

A formação anteriormente descrita foi uma proposta *online* de 30 horas (doze semanas sequenciais), desenvolvida na plataforma MOODLE. Ela foi realizada no segundo

semestre de 2017, oferecida como disciplina dos cursos de Atualização da Fundação CECIERJ para professores da Educação básica do Estado do Rio de Janeiro.

Houve duas etapas nessa formação: na primeira, com sete semanas, os cursistas foram estimulados a debater sobre questões reais sobre drogas, centradas na abordagem de RD; na segunda, chamada de Mãos na massa, o propósito foi orientá-los a construir e implementar atividades sobre educação e drogas em suas escolas.

A fim de discutir a viabilidade das tecnologias digitais utilizadas no curso e seu potencial educativo-preventivo na construção de profissionais mais críticos e inclusivos sobre o tema drogas, contamos com dados oferecidos por três instrumentos, quais sejam: (1) um questionário de avaliação do curso (n=34); (2) entrevistas semiestruturadas com alguns professores (n=5) e (3) a análise das interações dos cursistas na plataforma virtual (n=51). Esses instrumentos são parte de uma pesquisa de Doutorado em andamento. Os universos (n) distintos se devem ao número de respondentes válidos (aceitaram participar da pesquisa) que participaram de cada instrumento.

Especificamente, quanto aos resultados observados da interação dos cursistas, faremos um recorte para a sétima semana do curso. Nela, ocorrida entre 16 a 22 de outubro de 2017, o propósito foi oferecer tecnologias midiáticas digitais gratuitas e de fácil acesso pela internet, seguindo as sugestões de Coelho, Monteiro e Barros (2017). Essa sétima semana também teve como cerne o aprofundamento da abordagem de RD, adotando como cenário ferramentas digitais que envolvessem arte, tais como música, clipes e charges. Todos esses recursos foram oferecidos em modelo digital com incitação ao banco de imagens do *google* ou no canal *youtube*.

Além da reflexão sobre a situação-problema e melhor conhecimento do vídeo clipe e imagens que oportunizassem discussões participativas, a semana foi estrategicamente pensada para subsidiar discussões acerca da LEGALIZAÇÃO e da DESCRIMINALIZAÇÃO das drogas. Assim, pensou-se ser possível travar discussões políticas e que envolvesse o consumo de drogas num panorama global. A seguir a ilustração da página inicial da semana:

**Figura 1** – Página inicial da semana 7 – A música e a imagem como ferramentas educativas sobre drogas



Fonte: <http://extensao.cecierj.edu.br/saladeaula/course/view.php?id=194&section=6>

A situação-problema colocada para os professores simulou a história de um professor fictício de língua portuguesa, Roberto. Em uma turma de 9º ano da rede estadual com 25 alunos (entre 14 e 17 anos), ao falar sobre medicalização, cinco alunos fizeram perguntas sobre o uso medicinal e recreativo da maconha. Esses estudantes relataram ao longo da aula que seus familiares utilizavam a planta para relaxar. Roberto resolveu então baixar a letra da música e o clipe Cachimbo da paz, de Gabriel o Pensador. Depois, o professor fictício iniciou um debate sobre legalização e criminalização de algumas drogas.

No contexto anterior, foi sugerido aos cursistas que acessassem o vídeo clipe no canal *youtube* por um link direto na página inicial (<https://www.youtube.com/watch?v=dpUp-iVSNXA>). Após ouvirem e analisarem a letra, os cursistas foram convidados à participar do fórum semanal, com as seguintes questões:

- (1) Você acha a aposta pedagógica de Roberto adequada para o público de alunos? Comente seu pensamento;
- (2) Que sugestão de imagem, ilustração, meme, charge ou quadrinho você sugeriria a Roberto para trabalhar com essa turma e complementar o debate junto com a letra da música? Como essa imagem poderia contribuir para uma discussão preventiva sobre o uso de drogas com esses alunos?



Como descrito, a primeira questão do enunciado estava amparada em como os professores viam a música do Gabriel o Pensador como fomentadora de debates preventivos em sala de aula. Foi uma forma de permitir o reposicionamento social dos cursistas, se colocando na posição do professor fictício, e estimulando entre os docentes o uso de recursos artísticos em suas aulas. Vinculada à primeira questão, a segunda demandava aos cursistas tecnologias imagéticas (imagens, memes, charges ou quadrinhos) que pudessem ser utilizados em sala de aula para complementar o trabalho de Roberto. Embora se tratasse de um personagem fictício, assumimos a premissa de que os professores pensariam em suas aulas para responder as questões. Ou seja, refletiriam sobre a viabilidade do que poderia ser implementado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A observação da interação dos cursistas nos fóruns da primeira etapa do curso e nas discussões em torno do Mãos na massa, nos revelou resistências e limitações dos professores, bem como rupturas de paradigma. No que tange à primeira etapa, até o final da quinta semana do curso (Semana 5 – Mais ou menos mal?) a abordagem de RD não parecia ter sido bem compreendida por parcela dos cursistas. Ao longo das semanas 6 e 7, centradas principalmente na instrumentalização e estudo de situações-problema pautadas em simulações de práticas docentes, esse quadro sofreu mudanças.

A proposta da RD como enfoque educativo centrado na autonomia e esclarecimento científico para uma visão mais aberta e menos segregadora sobre drogas foi observada ao longo das interações no curso *online* e especialmente notada no questionário de avaliação. Na sétima semana, a possibilidade de uma abordagem sobre drogas mais centrada na escuta dos alunos e menos condenatória foi mais destacada nos fóruns.

Em relação a avaliação sobre a metodologia do curso, dos 34 professores que responderam ao questionário, 26 a declararam MUITO BOA. Sete professores a descreveram como BOA e um como INSATISFATÓRIA. Não houve posicionamentos para REGULAR e dez docentes não justificaram seus comentários. A maioria dos cursistas declarou que as estratégias do curso foram bem diferentes do que estavam acostumados em outras formações. Para alguns, essas estratégias e ferramentas que geram reflexão coletiva fortaleceram laços de convívio dentro e fora de sala de aula, estimulando a capacidade de escuta e reposicionamento

social. Partir, segundo alguns professores, de situações-problema e experiências concretas ofereceu não só um momento de atualização como de oferecimento de trocas (de pensamentos e materiais pedagógicos) acerca do tema, oportunizando que os professores conhecessem uma variedade de materiais para cada desafio da semana. Os depoimentos a seguir exemplificam tais percepções:

Proporcionou a interação e a troca de ideias entre os cursistas, fazendo com que nossas percepções fossem ampliadas perante as observações trazidas pelo grupo. (Q31)

As diversas metodologias (vídeos, músicas, fóruns) possibilitaram a eficácia dos objetivos para cada desafio lançado em cada semana. (Q33)

Embora tenham sido registradas críticas à metodologia do curso e seus recursos, elas não tangiam as ferramentas digitais. Foi unânime dentre os 34 cursistas que os recursos utilizados na formação favoreceram a abordagem do tema em suas aulas, como expresso:

**Quadro 1** - Categorias sobre a opinião dos 34 professores cursistas se os RECURSOS EDUCATIVOS sugeridos no curso FAVORECERAM a abordagem do tema

<b>Categoria</b>	<b>nº respostas (34)</b>
Sim	32
Não	0
Vago/Não respondeu	2

Fonte: Os autores

Excluindo-se os dois professores que não foram claros em suas respostas, o restante declarou que os materiais educativos (vídeos, charges, músicas, situações-problemas, textos e afins) favoreceram que o tema drogas pudesse ser abordado ou melhor desenvolvido em suas práticas docentes. Um cursista se posicionou como PARCIALMENTE (opção que não havia no questionário e foi adicionada por ele). Contudo este depoimento foi incluído na categoria “Sim” pois, embora de forma parcial, o aluno reconhece ter havido alguma contribuição. Nenhum professor respondeu “não” à questão, o que, em nosso entendimento, revela demanda ou aplicação de, pelo menos, alguns dos recursos ofertados pelo curso em suas aulas ou projetos pedagógicos. Cabe lembrar que cinco professores não comentaram seus posicionamentos.

A diversidade de ferramentas para abordagem do tema drogas, principalmente as digitais, foram bastante comentadas entre os cursistas. Além de serem recursos de fácil acesso e manipulação, foram consideradas pelos professores como “aplicáveis” à prática docente. Segundo alguns, inclusive poderiam ser utilizadas em articulação com outras disciplinas, como relatos a seguir:

Sim. Todos os recursos sugeridos são úteis como apoio às aulas, porque demonstram a rotina diária dos professores, em suas práticas educativas diárias. (Q1)

Me surpreendi com a diversidade de estratégias educacionais que podem ser empregadas para se trabalhar o tema drogas. (Q4)

Em se tratando do favorecimento dos recursos educativos da formação sobre drogas para as práticas profissionais, parte dos professores acorda que a diversidade de materiais e estratégias intercaladas (envolvendo recursos artísticos como charges, clipes, animações e filmes) favorece a interação da equipe, estimulando o lúdico e motivando a participação nos fóruns, como destacado:

As aulas ficam mais dinâmicas e interessantes. Os alunos aproveitam mais quando a apresentação é mais trabalhada com métodos atrativos. (Q20)

A aprendizagem ativa, envolvendo os vários sentidos é sempre mais eficaz. (Q11)

A análise do posicionamento dos professores investigados revelou que a articulação de diferentes mídias pode favorecer a abordagem do tema, variando não apenas o conteúdo como as ferramentas que fomentam os debates nos fóruns. Isso foi constatado em particular nas interações dos fóruns 6 e 7.

A percepção sobre o uso dos recursos educativos também foi evidenciada nas entrevistas. Estas foram realizadas cerca de três meses após a formação. Foi possível identificar que os professores se sentiram confortáveis com as ferramentas oferecidas pelo curso, seja pelo seu fácil acesso, seja pela gratuidade e oportunidade de iniciar discussões sobre drogas de uma forma mais suave. Isso corrobora com a aceitação dos materiais didáticos do curso, apresentada no quadro 1. O depoimento a seguir evidencia esse teor:



Em relação ao curso, que foi ... é ... utilizar as charges para trabalhar como uma das propostas que nós tivemos no curso. Para trabalhar a questão da redução de danos. (Q10F44BIO<sup>1</sup>)

Bom, a minha ideia quando eu pensei em fazer esse Mãos na massa aí... Primeiro escolher um filme. Pensar num material que os alunos seriam atraídos, que chamaria a atenção deles. E falar de um assunto que infelizmente está muito presente nas periferias das cidades, na baixada está muito presente, que é a questão da droga. E que infelizmente é abordado de uma forma um pouco equivocada. (Q49M36SOC)

Analisando o produto final do Mãos na massa, foi possível identificar que recursos digitais oferecidos pelo curso e sugeridos pelos cursistas no fórum da semana 7 foram apropriados por alguns cursistas na implementação de suas ações educativas. Com isso, averiguamos que os diferentes instrumentos digitais usados na formação, associados às práticas de participação em equipe e reflexões auxiliaram parcela dos professores a (re)pensar o fenômeno do consumo de drogas com seus alunos

Tais recursos e estratégias não garantem a aprendizagem, mas as tornam mais atrativas e podem proporcionar debates que estimulam o caráter opinativo nas práticas educativas. Seja pela charge, pelos quadrinhos, pelos memes e pelos clipes do *youtube*, cada ferramenta digital de imagem, som ou ambas pode favorecer um olhar opinativo capaz de estimular reflexões em torno de mitos e prejulgamentos que “rotulam” os indivíduos e os segregam, gerando desigualdades e exclusão social. Acreditamos que compreender as drogas através do esclarecimento não adestrador seja um passo importante para construir jovens mais preocupados com um mundo mais igualitário e com a promoção global da saúde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situações de prejulgamentos e discriminação envolvendo o fenômeno do consumo de drogas é uma constante em nossa cultura. Com isso, surgem mitos acerca do tema que podem depreciar os sujeitos e os excluírem do convívio social pela falta de sensibilidade e informação. Nessa perspectiva surge a RD como um enfoque pedagógico de prevenção preocupado em construir sujeitos fortalecidos e preparados para tomar decisões sadias e não orientadas para o preconceito e fomento de desigualdades.

---

<sup>1</sup> Q10F44BIO significa: Q10 - questionário 10 (ordenação dos instrumentos); F44 – cursista do gênero feminino com 44 anos de idade; BIO – leciona a disciplina de biologia.

Orientada para essa proposta a formação sobre drogas associou esclarecimento com oferecimento de espaços de reflexão, em que parte das estratégias educativas foram centradas em recursos imagéticos obtidos gratuitamente na internet, como charges, vídeos e afins. Nesse sentido, a pesquisa revelou uma boa aceitação desses instrumentos pelos professores. Em unanimidade, todos acordam que os recursos educativos da formação favorecem a abordagem do tema drogas com os alunos e são potencialmente aplicáveis em suas práticas, sobretudo as tecnologias digitais.

Embora não garanta uma efetiva aprendizagem, os recursos tecnológicos imagéticos são aliados nesse processo. Podem ser iniciadores de discussões acerca do consumo de drogas, por estimularem o caráter crítico e opinativo dos jovens. No exercício da reflexão, mediados pelos professores, os estudantes podem repensar suas visões sobre drogas e compreender que o consumo de drogas não é apenas uma questão individual, mas multifatorial. Em equipe, podem trocar experiências, serem ouvidos e, juntos, perceberem como o esclarecimento é importante para reduzir os mitos, as exclusões e as desigualdades que permeiam nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, G. **Quem tem medo de falar sobre drogas? Falar mais para se proteger**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015. p.164.
- ADADE, M. A visão de estudantes sobre drogas: subsídios para ações educativas orientadas pela redução de danos. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2012.
- ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- COELHO, F. J. F. Entre o lícito e o interdito: Relatando uma aula de Ciências a partir da letra da música cachimbo da paz. In: IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da 4ª regional. Minas gerais, 2017. Anais... Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1D-0axAIFRGYmAnEAPZZKkSor6W6uQE5O/view>>. Acesso em 10 de maio de 2018.
- COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro, 6, 2017, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017a. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR311.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

- COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S.; BARROS, M. D. M. PAPO ABERTO SOBRE CANNABIS: O USO DE CHARGES COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA ESTIMULAR DEBATES SOBRE DROGAS NAS AULAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA. In: IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da 4ª regional. Minas gerais, 2017. Anais... Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1D-0axAIFRGYmAnEAPZZKkSor6W6uQE5O/view>>. Acesso em 10 de maio de 2018.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 63.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- HART, C. **Um preço muito alto**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- LABATE, B.C.; FIORE, M.; GOULART, S. L. Drogas e cultura: novas perspectivas. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Org.). **Drogas e cultura: Novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 23-38.
- MEEHAN, C. “Junkies, Wasters and Thieves”: School-based Drug Education and the Stigmatisation of people who use drugs. **Journal for critical education policy studies**, v. 15, n.1, p. 85-107, mar., 2017.
- SODELLI, M. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A; DE MICHELI, D. (Orgs.). **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP/Unifesp, 2011. p. 599-616.
- SOUZA, J. (org.). **Crack e exclusão social**. Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, Brasília, DF, 2016, 360 p.
- TRIGUEIROS, D. P.; HAIEK, R. C. Estratégia de redução de danos entre usuários de drogas injetáveis. In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. G. **Panorama atual de drogas e dependência**. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 355-358.